

TROCAS GASOSAS E CONDUTÂNCIA ESTOMÁTICA DE VIDEIRA ‘NIÁGARA ROSADA’ NO PRIMEIRO ANO DE DESENVOLVIMENTO EM CAMPO DEFINITIVO NA REGIÃO DE MAÇAMBARA-RS

Juan Saavedra del Aguila¹; Clediso Lago²; Alex Zanella²; Pâmela Carvalho de Lima²; Gabriel Brum Accorsi²; Lília Sichmann Heiffig-del Aguila³; Elizete Beatriz Radmann⁴

O conhecimento do comportamento fisiológico das frutíferas em cada região é de vital importância para a utilização correta das diferentes tecnologias disponíveis de produção agrícola, neste sentido, estudos que visem conhecer a ecofisiologia das videiras são fundamentais. No caso da Região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, são inexistentes dados ecofisiológicos da videira ‘Niágara Rosada’ (*Vitis labrusca*). Os frutos desta videira são muito apreciados pelo consumidor brasileiro, sendo umas das principais uvas americanas de mesa consumidas no país. Pelo exposto anteriormente, este trabalho teve como objetivo avaliar a transpiração, condutância estomática e a taxa fotossintética da videira ‘Niágara Rosada’ no primeiro ano de desenvolvimento em campo definitivo na região de Maçambara - RS. O experimento foi realizado entre os meses de setembro de 2012 a abril de 2013 na propriedade rural da Fazenda Righi, localizada na região de Maçambara – RS. As avaliações foram realizadas quinzenalmente em 30 videiras ‘Niágara Rosada’ que se encontravam no primeiro ano de desenvolvimento em campo definitivo. Os dados foram submetidos ao desvio padrão e ao erro padrão. Avaliaram-se: transpiração (E) ($\text{mmol m}^{-2} \text{s}^{-1}$), condutância estomática (gs) ($\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$) e taxa fotossintética (A) ($\mu\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$). As variáveis analisadas foram realizadas em folhas completamente expandidas, localizadas no terço médio da videira por meio de analisador portátil de fotossíntese em sistema aberto (Li-6400 - Portable Photosynthesis System) com a utilização de luz natural. Após as análises verificou-se que as videiras ‘Niágara Rosada’ apresentaram transpiração de 0,29 $\text{mmol m}^{-2} \text{s}^{-1}$ até 2,30 $\text{mmol m}^{-2} \text{s}^{-1}$ ao longo do período do experimento. A condutância estomática variou neste período de 0,012 $\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$ a 0,19 $\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$, por outro lado, a taxa fotossintética das videiras ‘Niágara Rosada’ esteve entre 0,26 $\mu\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$ e 0,50 $\mu\text{mol m}^{-2} \text{s}^{-1}$ ao longo de todas as avaliações. As informações apresentadas no trabalho podem ser de muita utilidade para maximizar a taxa fotossintética das videiras ‘Niágara Rosada’ no início do seu desenvolvimento em campo definitivo, sendo que esta taxa fotossintética varia em função de diversos fatores abióticos como a umidade disponível do solo e, fatores bióticos como a fase fenológica da videira.

¹ Engº Agrº Dr., Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Campus Dom Pedrito, Rua Vinte e Um de Abril nº 80 - Cep 96450-000, Dom Pedrito, RS, Brasil. e-mail: juanaguila@unipampa.edu.br;

² Estudante (s) do Curso de Agronomia, UNIPAMPA – Campus Itaqui, RS, Brasil. e-mail: tatau_lago@hotmail.com, ale.zanella@hotmail.com, carvalho_pcl@yahoo.com.br, gabriel.acorsi@hotmail.com;

³ Engª Agrª Drª, Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS, Brasil. e-mail: lilia.sichmann@embrapa.br;

⁴ Engª. Agrª. Drª., Professora Adjunta da UNIPAMPA – Campus Itaqui, RS, Brasil. e-mail: eradmann@gmail.com.